



EDITORIAL
SINAIS DE CENA
III.2

MARTA BRITES ROSA

Este é o número 2 da terceira série da revista *Sinais de Cena – Revista de Estudos de Teatro e Artes Performativas*. É um número que nesta terceira série, nesta terceira insistência em manter viva uma revista sobre teatro em Portugal, inicia um novo fôlego, encabeçado por uma nova direção, que tentará manter os parâmetros de qualidade da revista conquistados ao longo de 19 anos. Neste período, por dois momentos a direção da *SdC* assinou editoriais em tom de despedida: em 2014, quando (se julgava que) a falta de financiamentos ditava o encerramento deste projeto editorial, e em 2021, quando, novamente por falta de apoios financeiros, a revista se via obrigada a deixar a impressão no papel e embarcar numa nova jornada cujo meio e o rumo ainda desconhecia.

Paulo Eduardo Carvalho, Maria Helena Serôdio e Rui Pina Coelho foram os timoneiros que ao longo de quase duas décadas levaram a revista a vários portos, visitando, analisando e dando a conhecer lugares, teorias, estéticas, histórias, momentos e fazedores de teatro e das artes performativas. A navegação nem sempre foi calma, houve momentos de turbulência, houve obstáculos que se julgavam intransponíveis, houve perdas de entes queridos, mas (mantendo a metáfora náutica) a tripulação deste navio foi sempre incansável no esforço para o levar a bom porto, com carga da melhor qualidade.

Não é possível dirigir esta revista sem replicar o carinho que os seus antigos diretores por ela sentiram, expresso nos editoriais dos 28 números publicados. Apesar de um trabalho de gestão de meios, de pessoas, de prazos, de empreitadas de leitura de textos, de insistentes pedidos de cumprimento de datas, de reuniões com uns e com

outros para resolver questões miúdas e graúdas, o carinho e o reconhecimento das qualidades intelectuais e humanas de todos os membros da Direção e do Conselho Editorial é realmente o que resalta finalizada a revista. Sem eles, não era possível. Quero por isso deixar expresso o agradecimento a todos os que colaboraram na edição deste número, que tiraram do seu tempo de descanso, lazer e familiar horas e mais horas para fazer as chamadas de trabalho (*call for papers*), recolher, selecionar e rever ortográfica e cientificamente os vários artigos, contactar outros colaboradores, coordenar cada uma das secções, insistir para a entrega dos textos e imagens, realizar, pensar, conduzir e redigir a entrevista, recensear textos, participar em reuniões, sem receber em troca nada mais que um profundo reconhecimento pela sua dedicação, eficiência e qualidade. Numa época em que a imensidade de solicitações de trabalho não remunerado – de “colaborações” – se tornou uma constante, tanto no meio académico como em outros, é elementar reconhecer o esforço de cada um.

O trabalho destes colaboradores é fundamental para manter uma revista que neste momento apenas tem o apoio financeiro do CET – Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa. Neste sentido, o intento desta terceira série é usar o financiamento existente para – dando continuidade ao projeto e mantendo o objeto e a organização editorial – melhorar a gestão do processo editorial, num esforço para diminuir a carga de trabalho sobre os colaboradores e para construir uma relação de confiança com estes e com os autores. Creio que estamos no bom caminho.

2

Em junho de 2004, no número inaugural da revista *Sinais de Cena*, Georges Banu assinava um artigo intitulado “A encenação e as idades do actor”, onde, a propósito da não sobreposição da idade das personagens e dos atores, a que chamou “desfasamento dramaturgico”, afirmava: “O desfasamento seduz porque enriquece a abordagem do papel, sem outro contributo para além do corpo do actor.” A atualidade deste artigo é inegável, especialmente se, acompanhando a reflexão e os exemplos dados sobre a *idade*, adicionarmos a questão da representação do *género*. A atualidade das suas reflexões está presente em mais dois artigos que escreveu para a *SdC*, em 2007 e 2008, reveladores do espectador informado que era e da sua vivência entre a prática e os fazedores do teatro europeu e mundial. Em 2013, Maria Helena Serôdio celebra a homenagem feita a Georges Banu no seu país natal, a Roménia, em “Um encontro especial em Cluj-Napoca”.

No número que agora lançamos, Georges Banu é novamente autor e objeto de escrita em dois artigos da revista. O seu artigo, intitulado “Les récits du spectateur: mémoire et légende”, é uma viagem pelas suas muitas memórias de teatro e uma reflexão sobre o ponto de vista do espectador e o seu contributo para a narrativa histórica teatral. Na secção “Leituras”, Maria João Brilhante recenseia um dos seus últimos livros, *Les récits d’Horatio: Portraits et aveux des maîtres du théâtre européen*, em que, como o nome indica, o autor evoca os mestres do teatro europeu.

Com estes dois artigos celebramos Georges Banu (1943-2023), investigador, dramaturgo, professor e crítico teatral, membro de várias instituições internacionais ligadas ao teatro, e também consultor do Centro de Estudos de Teatro, desde a sua fundação até 2017, e membro do Conselho Científico da *Sinais de Cena*.

3

Apesar de construída sobre secções com foco especial – “Dossiê Temático”, secção com *peer review* onde são recebidos artigos sobre um tema específico; “Estudos Aplicados”, secção também com *peer review* onde são acolhidos artigos que visam o assunto da revista, mas sem ligação ao “Dossiê Temático”; “Portefólio”, centrado na imagem teatral; “Na Primeira Pessoa”, entrevista de longo fôlego a uma personalidade das artes performativas; “Passos em Volta”, espaço para a crítica às artes performativas; e “Leituras”, compilação de recensões de publicações de e sobre teatro – a verdade é que a interligação entre as várias secções da revista se faz em múltiplos momentos. O diálogo entre os artigos dá relevo a temas transversais abordados pelas artes performativas, que evidenciam o seu carácter de intervenção e integração na esfera pública: a figura feminina; o aspeto comercial da arte e das artes performativas em específico; as emoções e os afetos; o ponto de vista do espectador; a inovação e transgressão, são alguns exemplos.

O “Dossiê Temático”, dedicado ao Teatro de Marionetas e Formas Animadas, coordenado pelos investigadores Catarina Firmo e Miguel Falcão, congrega estudos sobre esta forma teatral, que, tendo como ponto de partida e foco diferentes espaços geográficos e cronológicos, abordam múltiplos aspetos da produção e receção teatral das formas animadas, tanto na sua vertente mais clássica, como também do ponto de vista histórico e etnográfico. Transpondo a fronteira do Dossiê Temático, as marionetas e formas animadas irão visitar outras secções da revista.

Em “Estudos Aplicados”, coordenado por Marta Brites Rosa e Licínia Ferreira, a diversidade temática acerca-se de alguns assuntos comuns, como o lugar da mulher no teatro, tanto enquanto

personagem moralmente transgressora como enquanto encenadora com uma abordagem feminista nos seus espetáculos. A reflexão sobre o tempo da criação, ou melhor, a sua falta, na atividade artística, remete-nos, enquanto leitores, para um mal generalizado na sociedade contemporânea onde caímos sem dar por isso. Ainda nesta secção dá-se lugar a um novo tema: os animais na cena teatral. De realçar, mais uma vez, a publicação do artigo do investigador Georges Banu.

Com a coordenação de Filipe Figueiredo e Paula Gomes Magalhães, o “Portefólio” apresenta-nos o trabalho fotográfico de Alípio Padilha, cujas imagens retratam parte da história do teatro em Portugal das últimas décadas.

Ana Clara Santos coordena a exímia entrevista a João Brites, conhecido principalmente como fundador e encenador do grupo de teatro O Bando, e que aqui nos fala “Na Primeira Pessoa” sobre projetos do passado e do futuro.

“Passos em Volta”, coordenado por Catarina Firmo e Rita Martins, apresenta críticas a espetáculos – teatro, dança e *performance* – dando espaço à crítica das artes performativas, à reflexão sobre eventos artísticos e ao alcance que estes têm no pensamento de quem a eles assiste.

Na secção “Leituras”, coordenada por Emília Costa e Teresa Faria, recenseiam-se livros de e sobre teatro, na área da historiografia do passado e da atualidade, das emoções, fazendo, inclusive, a ponte com o teatro de marionetas e formas animadas e com o artigo de Georges Banu.

4

Por fim, desejamos a todos boas leituras e, como revista sénior na área dos estudos de teatro e artes performativas em Portugal, damos as boas-vindas no mundo editorial à publicação *Ponto. História do Teatro em Portugal Revista*, dirigida por José Camões e publicada pelo Centro de Estudos de Teatro.

